

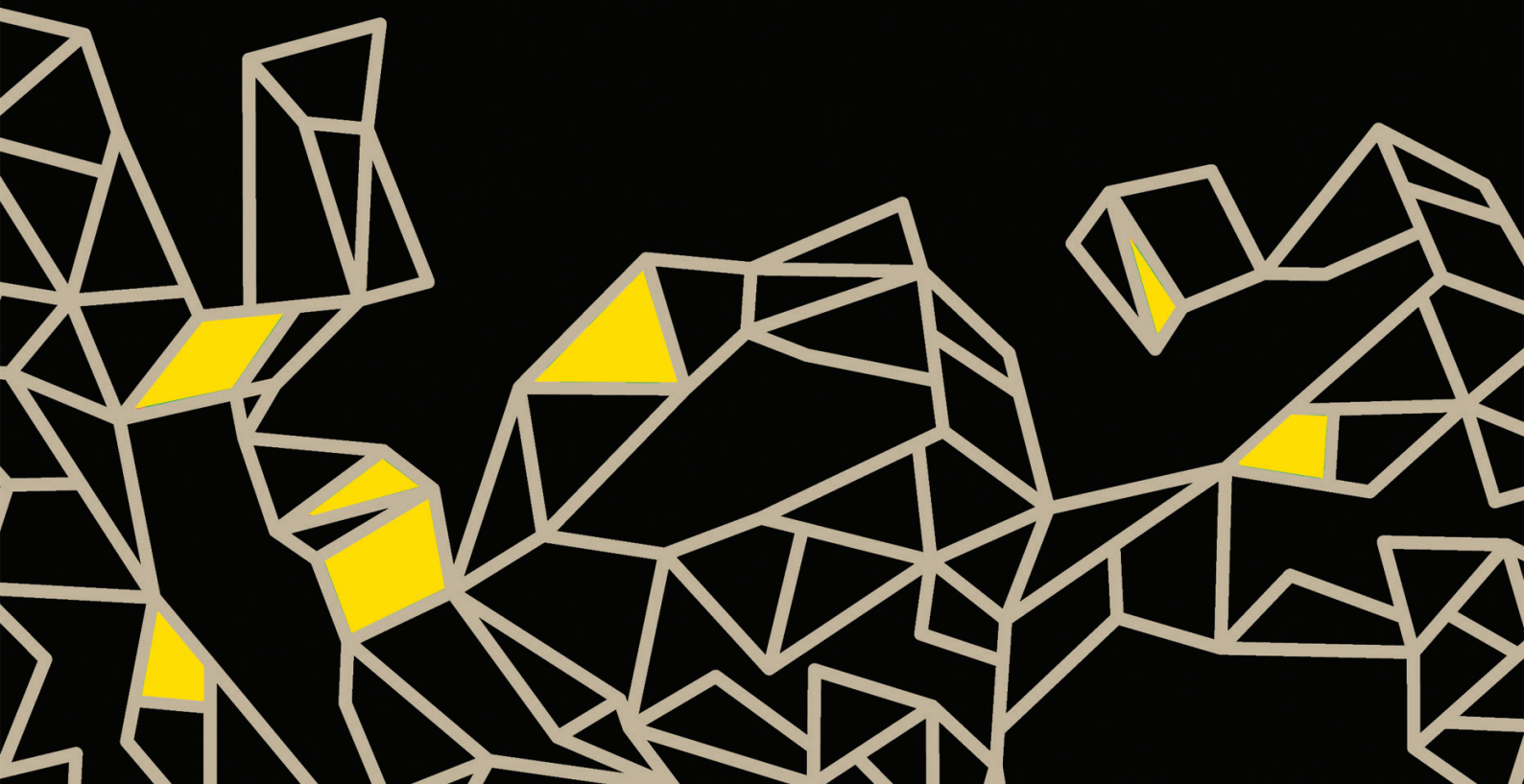


sala preta  
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v18i1p1-5

## EDITORIAL

Luiz Fernando Ramos e  
Sílvia Fernandes



Esta edição da *Sala Preta* é especial. Ela marca o fim de um ciclo de 18 anos em que os editores responsáveis pela criação e consolidação da revista cuidaram de mantê-la como uma das referências nos estudos das artes cênicas no Brasil. Numa primeira fase, entre 2001 e 2010, a revista foi anual e publicada só em papel. A partir de 2011 tornou-se eletrônica e desde 2012 vem cumprindo uma periodicidade semestral. Ressalte-se, a propósito, que o complexo processo de transição para a versão eletrônica e semestral foi conduzido pelo professor Flávio Desgranges, que com o apoio de outros docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) foi o editor responsável entre 2011 e 2013. Agora os primeiros editores, que retomaram a coordenação da revista nos últimos cinco anos, estão transferindo a sua condução para uma nova dupla de editores responsáveis, os professores Elisabeth Azevedo e Sérgio de Carvalho, a quem se deseja os melhores votos de uma longa e profícua parceria, em que possam continuar buscando a excelência da publicação. Aproveita-se também para agradecer a todos os leitores e colaboradores que vieram, ao longo de todos esses anos, prestigiando a revista e garantindo que ela expressasse o melhor da massa crítica brasileira no campo das artes cênicas.

Talvez por conta dessa mudança de comando, a atual edição apresenta características próprias em relação aos últimos números. Em face da quantidade de arquivos submetidos à publicação nos dois últimos anos, que não tinham sido ainda avaliados por conta de várias edições temáticas seguidas, optou-se por não fazer uma chamada de colaborações direcionada a um tema específico e selecionar entre as dezenas de artigos remanescentes aqueles que poderiam integrar um número especial. Ao mesmo tempo, considerando essa variedade e o encerramento do ciclo dos editores fundadores, homenageia-se a primeira fase da revista em papel, quando era publicada anualmente – quase um livro de tão volumosa. Naquele período, a revista se estruturava em retrancas variáveis conforme o número, cada uma reunindo alguns artigos afins. Nesta 25ª edição, retomamos provisoriamente a estruturação em blocos, organizados genericamente a partir de retrancas.

A primeira delas, **Brasil**, reúne sete artigos que direta ou indiretamente remetem à produção dramática, cênica e performativa dos últimos 50 anos

no país. Abre o bloco um ensaio alentado de Sílvia Fernandes – coeditora da revista desde 2001 – sobre a noção de teatro expandido, observada criticamente à luz do debate mais atual e exemplificada no contexto brasileiro. Fernandes esmiúça o tema e o contrasta às obras mais recentes de Lia Rodrigues, desenvolvidas desde 2004 com sua companhia e no seu espaço de criação no complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro.

Os três artigos seguintes contemplam, de algum modo, a extensa contribuição do Teatro Oficina durante os 60 anos desde sua criação. Nanci de Freitas analisa o peça de Oswald de Andrade, *O homem e o cavalo*, contextualizando-a em sua época e relacionando-a à noção, tão cara a seu autor, da antropofagia. Mesmo o artigo sendo restrito ao texto em si, é incontornável associá-lo ao projeto artístico do Oficina de Zé Celso Martinez Correa. Biagio Pecorelli discute a pulsão performativa dentro do Oficina, resgatando os debates havidos, por exemplo, entre Zé Celso e Anatol Rosenfeld nos anos 1960 e descrevendo as produções mais recentes do Oficina na perspectiva atual da performatividade. Paulo Bio Toledo também esmiúça a história do Oficina, particularmente seus anos de exílio em Portugal quando, em 1975, imerso no processo revolucionário português, o grupo teve uma experiência singular de politização e engajamento. Dois outros artigos nessa seção enfocam a obra do não menos decisivo artista do teatro brasileiro, Augusto Boal. Patrícia Freitas dos Santos retoma estudo já publicado a respeito da peça boalina *A Tempestade*, escrita no momento de maior isolamento do encenador, refletindo um balanço da situação da esquerda latino-americana no início dos anos 1970. Anderson Souza Zanetti Silva examina a leitura de Boal da tradição brechtiana a partir de um ensaio seu sobre as noções de personagem e de sujeito em Hegel e Brecht. Fechando o bloco, Ivan Delmanto especula sobre a ideia de formação partindo da experiência de adaptar *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, numa escola pública brasileira e identificando no processo uma “dialética trágica”, em que ao dilaceramento do tecido social correspondem subjetividades dilaceradas.

A segunda retranca, **Mediação**, reúne três artigos que focam experiências e conceitos envolvidos na fruição estética. Arlene Von Sohsten aproxima um personagem icônico de Clarice Lispector, GH, da reflexão de Didi-Huberman sobre o mirar e o ser mirado para pensar a mediação localizada

na experiência do sujeito. Juliano Sampaio pensa a pedagogia do teatro na perspectiva da temporalidade corporal intuitiva descrita por Bergson e propõe o “método da intuição bergsoniana” como alternativa ao modelo consagrado de ensino teatral. Leandro Colling contextualiza a noção de “ativismo” a partir da emergência, na última década, de obras que têm seu eixo nas questões de gênero e de dissidência sexual, mas refletem variação notável em relação aos padrões habituais dos movimentos LGBT.

Na retranca seguinte, **História**, quatro artigos têm em comum retomarem temas dos estudos históricos do teatro brasileiro a partir de novas e iluminadoras perspectivas. Maria Clara Gonçalves revisita arquivos para rerepresentar a obra dramática de Qorpo Santo, ambientada no meio teatral do Rio Grande do Sul oitocentista e reverberada em comentários críticos de seus contemporâneos. João Cícero Teixeira Bezerra analisa a obra de Joaquim Manuel de Macedo, focando em sua condição híbrida de dramaturgo e historiador ao comparar um compêndio de história e uma peça do escritor. Lívia Sudare aborda o Teatro de Revista brasileiro de uma perspectiva inédita: a partir de cartas e documentos do ministro da educação do Estado Novo, Gustavo Capanema. Rodrigo Alves do Nascimento faz o inventário da presença de Tchekhov no Brasil, percorrendo extensivamente 80 anos de encenações do autor russo no país e identificando um “mito do tchekhovismo”, que teria prevalecido até os anos 1960, mas veio sendo problematizado no século XXI.

A retranca **Teoria** conjuga esforços especulativos de diversos matizes. René Piazzentim destaca o legado de Antonin Artaud para o teatro contemporâneo. Para isso, parte das ideias de Artaud sobre texto e encenação, examinadas no seu comentário sobre o quadro *As filhas de Loth*, de Lucas van Leyden. Já Gabriela Lírio pensa o ator na cena intermediada por tecnologias digitais e discute o jogo de sua imagem projetada com sua atuação ao vivo. Mariana Andraus reflete sobre o conceito de tempo na arte do ator, contrastado com a noção de “dobra” numa série de animação, para propor a ideia de tempo expandido na cena em diálogo com a subjetivação. Felisberto Sabino da Costa e Vicente Ramos articulam a noção de “dispositivo dramaturgico” em três modos distintos, remetendo ao texto já encenado, às relações entre texto e cena, por exemplo, em Beckett, e enquanto procedimento criativo autônomo de qualquer obra fechada.



A última retransmissão, **Mundo**, contempla análises de obras contemporâneas de artistas internacionais. Igor de Almeida Silva enfoca o espetáculo *Ça ira (1) fin de Louis*, de Joël Pommerat, tanto comparativamente a 1789, de Ariane Mnouchkine, como examinado a partir do perspectivismo procedimental do autor e encenador, que articulava uma relação entre intimidade e política. Martha Ribeiro destaca as narrativas de Pippo Delbono como não informativas. Percebe nelas, sem qualquer pudor, o devassar de sua intimidade na busca, entre o silêncio e o grito, do sublime. Finalmente, Sheyna Teixeira Queiroz discute a noção de presença nos vídeos e nas performances de Marina Abramović, partindo de suas ditas “práticas ascéticas”, examinadas à luz dos trabalhos disponibilizados na internet e da retrospectiva de 2010 no Museum of Modern Art (MoMA) de Nova Iorque.

Os editores agradecem, mais uma vez, aos leitores e colaboradores que nos acompanharam nos 18 anos de *Sala Preta*.

Luiz Fernando Ramos  
Sílvia Fernandes